



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTE E CULTURA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
MÚSICA E INTERDISCIPLINARIDADE**



Isaías Gabriel Franco

**A BANDA SANTA CECÍLIA DE SÃO PEDRO DE CALDAS:
UM ESPAÇO MUSICAL DE SOCIABILIDADES**

Ouro Preto

2020

Isaías Gabriel Franco

**A BANDA SANTA CECÍLIA DE SÃO PEDRO DE CALDAS:
UM ESPAÇO MUSICAL DE SOCIABILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Música apresentado ao Curso de Especialização “Música e Interdisciplinaridade” da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Música.

Orientador(a): Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque

Ouro Preto

2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F825s Franco, Isaias Gabriel .

Santa Cecília de São Pedro de Caldas [manuscrito]: um espaço musical de sociabilidades. / Isaias Gabriel Franco. - 2020.
46 f.: il..

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Música.

2. Bandas (Música). 3. Memória na arte. 4. Registro musical. 5. Regionalismo na música. 6. Memória coletiva. I. Buarque, Virgínia Albuquerque de Castro. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 785.12

Bibliotecário(a) Responsável: CRISTIANE MARIA DA SILVA - SIAPE:1.399.488

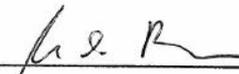
Isaías Gabriel Franco

**A BANDA SANTA CECÍLIA DE SÃO PEDRO DE CALDAS:
UM ESPAÇO MUSICAL DE SOCIABILIDADES**

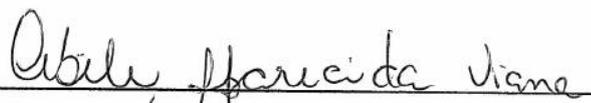
Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Música apresentado ao Curso de Especialização Música e Interdisciplinaridade da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Música.

Aprovado em: 4 de março de 2020.

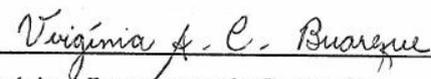
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. César Maia Buscacio - UFOP



Prfa. Me. Cibele Aparecida Viana - UFOP



Profa. Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque- UFOP (orientador)

“A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor [...]”

Trecho de *A Banda*, Canção de Chico Buarque

AGRADECIMENTOS

À minha avó Luiza dos Santos Franco (*in memoriam*), por ter sido uma pessoa crucial em minha vida.

Ao meu pai, Ronaldo José Franco, pela sabedoria com que sempre vê e fala das coisas.

À Virgínia Albuquerque de Castro Buarque, amiga e orientadora deste trabalho, pela preciosa amizade, por ser artífice de sonhos em minha vida e por sempre espriar alegria onde passa.

À “Tia” Clélia Silva, por todo carinho e apoio com que me acolheu em sua casa. À ela toda minha amizade e respeito.

À Iramir Borges Franco, ex-professora, por disponibilizar parte das fontes necessárias a este trabalho e por ter sempre suscitado em seus alunos a curiosidade pelas artes, cultura e principalmente pela História de São Pedro de Caldas.

Aos professores e funcionários do Departamento de Música da Universidade Federal de Ouro Preto, em especial a César, Bárbara e Lia, pela paciência e acolhimento com que me receberam e ensinaram.

Ao Demétrius Alexandre da Silva Souza, pelos diálogos travados e sobretudo pela amizade e cuidado que me tem.

Aos colegas do MUSINTER, pela parceria ao longo de um ano de aulas.

À professora Cibele Aparecida Viana, por seu aceite em participar de minha banca de defesa de TCC.

E por último à beleza da própria vida, esse “moinho” imprevisível e fantástico.

UM CÉU COMUM

No céu vou ser recebido
com uma banda de musica.

Tocarão um dobradinho
daqueles que nós sabemos
- pois nada mais celestial
do que a música que um dia ouvimos
no coreto municipal
de nossa cidadezinha...

Não haverá cítaras nem líras
- quem pensam vocês que eu sou?

E os anjinhos estarão vestidos
no uniforme da banda,
com os sovacos bem suados
e os sapatos apertando.

Depois, irei tratar da vida
como eles tratam da sua...

Mario Quintana. In: *Baú de espantos*

RESUMO

A maioria dos relatos e dados memoriais sobre São Pedro de Caldas, um distrito pertencente ao município de Caldas – MG, criado em 1940, privilegiam dados histórico-cronológicos, geralmente associados ao papel preponderante do Estado, dos recursos monetários e da dimensão religiosa (católica). Contudo, uma atenção mais acurada às narrativas dos moradores sobre a localidade em seus anos iniciais, permite-nos perceber que tais agentes privilegiam outros marcos simbólico-culturais, que não o poder político, econômico ou religioso. Um exemplo é a constância de memórias sobre a Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas, criada a partir de um gesto filantrópico de Virgílio Ferreira Franco que em 1945, foi à localidade de Ipuíuna – MG em busca de uma família de músicos–professores que pudessem lecionar na recém criada Vila. Por que tal relevância de uma banda musical, nas memórias acerca do Distrito? Esta pesquisa buscou responder esta questão e postulou como hipótese a criação de um “espaço” por meio dos sons correlacionados à cultura local.

Palavras-chave: Banda. Espaços. Sonoridades. Memórias. História.

ABSTRACT

Most of the data and memorials on São Pedro de Caldas, a district belonging to the municipality of Caldas – MG, created in 1940, favor historical-chronological data, associated with the predominant role of the State, of monetary and religious resources (Catholic). However, a more detailed attention to the residents' narratives about the locality in their recent years, allows these privileged agents to perceive other symbolic-cultural landmarks, which have no political, economic or religious power. An example is a constancy of memories about the Santa Cecília Band of São Pedro de Caldas, created from a philanthropic gesture by Virgílio Ferreira Franco, who in 1945, went to Ipuíuna - MG in search of a family of professional musicians who could teach in the newly created village. Why this relevance of a musical band, in the memories about the district? This research sought to answer this question and postulate as a hypothesis of creating a “space” through children correlated with the local culture.

Keywords: Band. Spaces. Sonorities. Memoirs. History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fazenda de Manoel Inácio Franco no Capivari	14
Figura 2 – Fazendeiro e tropeiros.....	15
Figura 3 – Cruzeiro.....	18
Figura 4 – Mutirão para abertura de estradas.....	20
Figura 5 – Mutirão para abertura de estradas.....	20
Figura 6 – Mutirão para abertura de estradas.....	20
Figura 7 – Mutirão para abertura de estradas.....	20
Figura 8 –Estrada pronta.....	20
Figura 9 – Mutirão para abertura de estradas.....	20
Figura 10 – Mutirão para abertura de estradas.....	21
Figura 11 – Mutirão para abertura de estradas.....	21
Figura 12 – Pensão de Dona Marfiza Augusta Franco.....	22
Figura 13 – Nova sede da Escola Nossa Senhora Aparecida.....	24
Figura 14 – Uma quase emancipação.....	26
Figura 15– Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas em 1951.....	27
Figura 16– Banda Santa Cecília – Junho de 1947.....	30
Figura 17 – Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas. Maio de 1948.....	30
Figura 18 – Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas em 22/05/1951.....	31
Figura 19 – Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas.....	31
Figura 20 – Crianças brincam na Praça da Matriz, com o coreto ao fundo.....	32
Figura 21 – Crianças brincam na Praça da Matriz, com o coreto ao fundo.....	32
Figura 22 – O coreto atualmente.....	32
Figura 23– Nelson Bento, integrante da.Banda.....	34
Figura 24 – Nelson Bento, integrante da Banda em outubro de 1951.....	34
Figura 25 – Partitura da <i>Valsa sobre o luar de São Pedro</i>	34
Figura 26 – Partitura da valsa <i>Esquecerei Soluçando</i>	35
Figura 27 – Letra da valsa <i>Esquecerei Soluçando</i>	36
Figura 28 – Mutirão para abertura de estradas.....	40
Figura 29 – Boiada da fazenda de Oscar José Franco.....	41

SUMÁRIO

Introdução.....	12
CAPÍTULO 1 - Os meandros de São Pedro de Caldas: lugar, cotidiano e história.....	14
1.1. Caminhos e tropeiros.....	14
1.2. O cruzeiro e a Matriz.....	16
1.3. Uma geração de pioneiros.....	19
1.4. Casa de Pensão.....	21
1.5. Uma pequena trajetória das primeiras letras em São Pedro de Caldas.....	22
1.6. Uma quase emancipação.....	25
1.7. Um lugar praticado.....	26
CAPÍTULO 2 - Acordes de Santa Cecília.....	27
2.1. A Banda no cotidiano da Vila.....	29
2.2. De aprendizes a compositores.....	33
2.3. E o verbo se fez ... Música	36
CAPÍTULO 3 - Um espaço sonoro.....	39
Considerações Finais.....	44
Referências.....	45

INTRODUÇÃO

Criada na década de 1940, a pequena São Pedro de Caldas é hoje um distrito pertencente ao município de Caldas – MG. Fundada por iniciativa de Virgílio Ferreira Franco, que doou um alqueire de suas terras, em um lugar conhecido como “cerrado”, localizado no altiplano da Serra dos Matos (A Comarca, 1978). A nova comunidade teria como padroeiro o apóstolo São Pedro, santo de devoção de Virgílio. A maioria dos relatos e dados memoriais sobre este período privilegiam dados histórico-cronológicos, geralmente associados ao papel preponderante do Estado, dos recursos monetários e da dimensão religiosa (católica). Contudo, uma atenção mais acurada às narrativas dos moradores sobre a localidade em seus anos iniciais, permite-nos perceber que tais agentes privilegiam outros marcos simbólico-culturais, que não o poder político, econômico ou religioso. Um exemplo é a constância de memórias sobre a Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas, criada a partir de um gesto filantrópico de Virgílio Ferreira Franco que em 1945, foi à localidade de Ipuíuna – MG em busca de uma família de músicos –professores que pudessem lecionar na recém criada vila. Por que tal relevância de uma banda musical, nas memórias acerca do distrito?

Buscando pensar a questão acima, esta pesquisa se propôs a analisar a intensidade e amplitude das sonoridades e do musical como referenciais à constituição identitária e histórica do distrito. Para isso, precisou-se por meio das fontes, rastrear as permanências na memória dos moradores, bem como delinear as possíveis “pertencas” criada pelas sociabilidades nesses “espaços musicais” criados pela banda.

Este trabalho, justificou-se portanto, pelo caráter criador e identitário de que as sonoridades são prenes, e pela importância que a formação da cultura histórica possui como uma ética espec

ífica de pertencimento, associada ao compartilhar de práticas, acontecimentos e valores, necessariamente vivenciados ou comunicados no cotidiano, o que implica em uma proximidade espacial e em uma contiguidade de relações sociais (como de vizinhança e até de parentesco).(GONÇALVES, 2007)

De viés interdisciplinar, esta pesquisa buscou como exercício, realizar o cotejamento das fontes com a reflexão teórica e conceitual de distintos campos do saber. Em Michel de Certeau em *A invenção do Cotidiano- artes de fazer* uso da noção de lugar praticado, de Tim Ingold o conceito de *landscape*, de Francesco Careri o *Walkscapes*, ou a noção do caminhar como prática criadora e estética e por fim em Simone Weil no seu livro *O enraizamento: prelúdio para uma declaração dos deveres para com o ser humano*, a noção de enraizamento/pertença.

As reflexões e interpretações elaboradas a partir de nossa questão inicial, bem como os respectivos resultados alcançados encontram-se desdobrados ao longo do trabalho que abaixo se segue.

CAPÍTULO 1

OS MEANDROS DE SÃO PEDRO DE CALDAS: LUGAR, COTIDIANO E HISTÓRIA

1.1. Caminhos e tropeiros

A ocupação socioeconômica da região onde atualmente localiza-se o distrito de São Pedro de Caldas teve início no final do século XVIII, provavelmente em 1795. Neste ano foi construída a sede de uma fazenda

[...] à margem esquerda do Rio Capivari, antes da Cachoeira da Rapadura. Quando abertos os primeiros caminhos, ficou locada na encruzilhada dos destinos a Caldas, e região anexa – do Fim dos Campos. [...] o terreno da sede era cercado de muro retilíneo de pedra, continha diversas construções, entre elas duas “casas-grandes”, de telhado de quatro águas e dois pavimentos estilo barroco português, mediados pela capela – acompanhando a declividade do solo, foi construída a senzala, em forma de comprido pavilhão – destacando-se três telhados. A capela e casa grandes - faziam frente para o nascente, e o caminho destinado a Caldas – que acompanhava a descida do rio Capivari (FRANCO, 1995, p. 14).



Fig. 1 - Fazenda de Manoel Inácio Franco no Capivari, 1868.
Acervo da Universidade de Uppsala, Suécia.

Estar na confluência de caminhos assegurou rentabilidade ao latifúndio de Manoel Inácio Franco, logo alçado a importante entreposto de escoamento da produção agropastoril local (*Ibidem*). Afinal, a região do sul de Minas via-se gradativamente inserida em um intenso povoamento, iniciado desde a segunda metade do século XVIII, que teve como principal motivação a difusão de um imaginário de riqueza pastoril:

No campo da história, acabamos nos distanciando da ideia das “minas do ouro”, das minas urbanas e vimos que outras atividades tiveram grande peso na formação econômica de Minas Gerais e que o predomínio do urbano sobre o rural e o mito da ruralização, em decorrência do declínio do ouro, não se comprova. Neste sentido, o ouro foi apenas o catalisador que permitiu que se criasse no novo mundo uma sociedade complexa econômica e socialmente, onde a transposição de uma grande massa da população portuguesa e africana se reorganiza sob novas bases. Não foi somente a existência do ouro nas quantidades e condições descobertas que permitiram esse processo, foi antes o mito pré-existente e a expectativa de toda uma população ávida pela materialização desse mito. (CRUZ, 2012, p. 8)

Já no início da década de 1940, um dos herdeiros de Manoel Inácio, Virgílio Ferreira Franco, doou um alqueire de suas terras, em um lugar conhecido como “cerrado”, localizado no altiplano da Serra dos Matos, para que ali fosse edificada uma vila (s.a., 1978). A nova comunidade teria como padroeiro o apóstolo São Pedro, santo de devoção de Virgílio. Mas o que teria inspirado Virgílio a proceder a tal doação? Segundo Luiza dos Santos Franco, ele fora motivado sobretudo pela grande distância das sedes urbanas de Caldas ou de Campestre, os municípios da localidade. Dessa maneira, quando algum morador caía doente e um tratamento mais incisivo se fizesse necessário, tal pessoa teria de suportar um dia em carro de boi para chegar à cidade mais próxima, a fim de obter atendimento médico. O distrito apresentou-se como um ponto a meio do caminho. Em paralelo, mostravam-se corriqueiros os transtornos decorrentes de um deslocamento por vias que mais pareciam “trilhas por onde só transitavam a pé ou em lombos de cavalos ou burros, havendo dificuldades para passar os carros de boi” (ESCOLA ESTADUAL JOSÉ FRANCO, 1995, p. 1).



Fig. 2 - Fazendeiro e tropeiros, primeira metade do século XX. Acervo da Escola Estadual José Franco

E bem graves eram as consequências acarretadas a uma economia baseada no tropeirismo,¹ que desde o século XVIII, em Minas, tinha na “tropa burriqueira quase o único elemento utilizado para o transporte de cargas e pessoas” (LOPES; MARTINS, 2011, p. 333). Também inexistia na localidade, naquela ocasião, uma instituição escolar, ainda que de primeiras letras.

Não obstante, há indícios de que a proposta da criação da vila suscitou hesitações: “Quando o Sr. Virgílio Ferreira Franco chegou na fazenda do meu pai, Oscar José Franco [irmão de Virgílio], para informar sobre a construção da igreja e também convidá-lo para fazer parte da comissão, meu pai ficou muito satisfeito, mas indeciso, pois o Sr. Virgílio tinha muitas ideias que às vezes não se concretizavam. Diziam que ele era um ‘sonhador’.” (PROJETO PEDAGÓGICO GDP–PATRIMÔNIO, 2008). A moradora Luiza dos Santos Franco acrescentou que Virgílio ficara conhecido na região por suas ideias inovadoras e até inusitadas: ao longo de sua vida, ele montara uma olaria, criara bichos-da-seda e rebanho de cabras, além de ter apostado na rentabilidade da lavoura de amendoim. Mesmo assim, apesar dos riscos, prossegue Geraldo José Franco, “[...] meu pai concordou e junto com Sebastião Gomes da Silva, carreiro, eu também carreiro, fomos companheiros desde a primeira pedra que foi colocada no carro de boi. As pedras e tijolos eram para a construção da igreja e de um barracão de madeira, coberto de sapé” (*Ibidem*, 2008).

Verifica-se, portanto, que pessoas de distintos pertencimentos sociais atribuíam a Virgílio Ferreira Franco importante protagonismo no processo histórico de criação da Vila de São Pedro de Caldas. Essa indicação não era casual, pois em sua condição de rico fazendeiro, Virgílio possuía recursos econômicos e autoridade simbólica para tal iniciativa.

1.2. O cruzeiro e a Matriz

Por todos os cantos, no cume de cada morro, em estradas, pontes e especialmente nas encruzilhadas erguem-se cruzeiros. À sombra desse símbolo – diz Bernardo Guimarães – toda a terra é sagrada.² Desde muito cedo na História do cristianismo, atribui-se à árvore bendita, à sagrada árvore da cruz duas virtudes principais: ela é símbolo de vitória e garantia de proteção contra forças adversas. (MATA, 2002, p. 105-106)

¹ Tropeiro: “o tropeiro tem a função de comerciante e transportador de mercadorias e ainda daquele que aluga o serviço de transportes.” (PAES, 2001, p. 58). Na região de São Pedro de Caldas, tal atividade de transporte de mercadorias e cargas para os centros urbanos mais próximos no lombo de burros permaneceu ocorrendo até meados do século XX.

² GUIMARÃES, Bernardo. A filha do fazendeiro. In: *História e tradições da província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 134.

Sob a influência dessa tradição religiosa, as festividades de fundação ocorreram em 19 de abril de 1941, tendo como principal simbologia o estabelecimento de um cruzeiro em área central da nova Vila. Como indicado acima, os cruzeiros apresentaram-se como marco recorrente no processo de urbanização de Minas Gerais desde meados do século XVIII, em uma decisiva articulação entre religiosidade católica e vida social (MATA, 2002):

O vigário convida o povo do bairro dos Matos, bem como dos Campos, da zona do Rio Pardo e de todos os bairros circunvizinhos para as grandes festas a serem realizadas no local da futura povoação cujo padroeiro será o grande apóstolo São Pedro. [...] No dia 19, às 8:30, chegará o nosso operoso prefeito, Dr. Uriel de Resende Alvim, com uma grande comitiva.[...] Após a missa, bênção do cruzeiro, que será conduzido pelo povo ao local da futura vila, em procissão [...] (Apud: ESCOLA ESTADUAL JOSÉ FRANCO, 1995, p.1).

Não obstante, o estabelecimento do Cruzeiro na nova Vila mostrou-se ocasião oportuna para o pronunciamento de muitas lideranças locais: “Ao plantar o cruzeiro o vigário usará a palavra, fazendo um discurso de saudação [...]” (*Ibidem*). Outros discursos, certamente, também foram proferidos, alguns dos quais revestidos por contornos pitorescos: “[...] é lembrado por muitos o discurso do Dr. Brito Viana, o ‘Toninho Viana’, pessoa e político importante da cidade vizinha de Campestre [...] devido ao fato do orador estar em cima do galho de uma enorme árvore, que ficava atrás do enorme cruzeiro recém plantado” (*Ibidem*, 1995, p. 2). Note-se que o orador fez questão de proferir sua explanação justamente sob a centralidade do cruzeiro, nem que para isso tivesse que subir em uma árvore.

O evento celebrativo foi encerrado em grande festa: “houve um leilão de prendas e assados no paiol da fazenda. Às 15h, foi levado o cruzeiro pela multidão de pessoas que vieram de várias regiões vizinhas como Campestre, “Gimirim”, hoje Poço Fundo...E, assim sendo, foi levantado o cruzeiro” (FRANCO, 2007, p. 1).

Dessa forma, relata outro periódico, “[...] sob o signo da santa cruz, nascia, aos acordes marciais da Banda Cruzeiro do Sul, regida pelo Maestro José Monteiro, e sob o espoucar de foguetes, a Vila de São Pedro de Caldas – sonho de uma geração de pioneiros” (A COMARCA, 1978, p.1).

Fixado o cruzeiro, e não diferentemente da maioria das Vilas e cidades mineiras, São Pedro de Caldas teve como primeira e central edificação, o templo católico que abrigaria o

orago padroeiro.³ Tal construção ficou locada no ponto mais alto da futura povoação, sendo o prédio de mais destaque durante muito tempo:

E, dando sequência à formação da vila, logo veio a construção da igreja. A comissão, comandada pelo então Oscar José Franco, convocou todos os fazendeiros, sitiantes que tinham carros de boi para carregamentos de tijolos, madeiras para andaimes e para travamento das paredes da igreja, em construção, tudo de uma só vez [...] o que foi muito bonito (FRANCO, 2007a, p. 2).

Ainda sobre a construção da igreja, um relato concedido a um *Informativo* da escola local produzido em 2008, traz outras tantas informações preciosas: “A construção durou mais ou menos 4 anos. Os trabalhadores traziam suas marmitas de comida de casa. Para início da construção veio o padre de Caldas, benzeu a 1ª pedra a ser colocada nos alicerces sob os olhos de muitas pessoas”. (PROJETO PEDAGÓGICO GDP-PATRIMÔNIO, 2008, p. 2). Os entrevistados pelo *Informativo da Escola Estadual José Franco*, lembraram-se que as pedras e tijolos trazidos “eram para a construção da igreja e de um barracão de sapé.” (INFORMATIVO..., 1995, p. 2), no qual aconteciam as festas para angariação de recursos para as obras de infraestrutura básica da Vila.



Fig. 3- Cruzeiro, 19 abr. 1941.
Acervo da família Franco.

A partir desse primeiro templo, os demais edifícios foram então sendo erguidos, dinâmica, aliás, recorrente à história das pequenas povoações mineiras, como indica o historiador Sérgio da Mata: no entorno das igrejas e capelas, ao longo dos séculos, eram abertas as praças, “espaço de socialização no qual os habitantes do arraial e os que vêm das redondezas travam contato, fazem as festas do padroeiro” (MATA, 2002, p. 150). Daí ser o

³ Cf. MATA, 2002, p. 150: “A capela é o centro do arraial. Ela é o edifício mais imponente, orgulho dos moradores do lugar. Muito frequentemente, é no terreno que lhe foi doado como patrimônio que erguem-se as primeiras casas, onde surge a praça, onde pouco a pouco delineia-se o traçado das primeiras ruas”.

templo católico “o eixo simbólico de uma povoação” (*Ibidem*), condição para trânsitos e encontros de pessoas, ideias, projetos, transformações.

Tal confluência iniciou-se, na Vila de São Pedro de Caldas, desde as primeiras etapas da construção da Igreja: “muitas foram as pessoas que trabalharam [...] arrancando e puxando pedras para os alicerces das construções, em olarias fazendo tijolos e telhas para a igreja e as casas; nas matas da redondeza, derrubando e preparando as madeiras” (INFORMATIVO..., 1995, p. 2). Dessa forma, “foram estaladas olarias, engenhos de serra e cerâmica de telhas [...]” (*Ibidem*), sendo José Maure o mestre de obras continuamente solicitado. Não obstante, outros nomes também foram lembrados nesse processo de construção da igreja matriz, como Beto Gomes, José Camargo, João Alfredo (PROJETO PEDAGÓGICO GDP–PATRIMÔNIO, 2008, p. 2).

Juntamente com os esforços de soerguimento do prédio, era preciso obter recursos financeiros para compra dos objetos religiosos que comporiam o espaço sagrado. Assim, os moradores volta e meia realizavam festas, bingos, leilões de “assados e vivos”, tudo promovido em nome do Santo padroeiro e das melhorias da Capela da Vila.

Terminada a parte externa, “foi contratado um artista espanhol chamado “Artigas”, que realizou sua pintura interna” (INFORMATIVO..., 1995, p. 2). Porém, após reformas, infelizmente tais pinturas foram destruídas, restando atualmente apenas o teto do altar- mor e dois símbolos eclesiais.

1.3. Uma geração de pioneiros

Um primeiro desafio imediatamente associado à fundação da Vila foi a construção da rede de abastecimento, trabalho organizado por uma comissão de moradores, liderada por Oscar José Franco. A água provinha das cabeceiras do Córrego da Cabaça, da propriedade de Virgílio e de Zequinha Maximiano (FRANCO, 2007). A ajuda voluntária era comum e se fazia muito necessária, pois afinal era uma vila que se levantava do meio do nada. Longe dos centros urbanos era necessário muito trabalho para revolver a terra, construir, abrir estradas e povoar. Carros-de-boi para carregar pedras, gente de perto e longe para a faina e até mesmo mulheres para cozinhar, a esfera local estava lentamente mudando o antigo “cerrado”.

Imagens fotográficas conferem destaque a esta dimensão comunitária do processo de estabelecimento da Vila, numa parcial releitura do protagonismo inicialmente atribuído a Virgílio Franco e a outras figuras exponenciais da localidade. Foram homens, mulheres e até crianças que, assumindo diferentes tarefas, possibilitaram que caminhos fossem abertos e

bairros fossem erguidos. Segundo o depoimento de antigos moradores, enquanto a população masculina ganhava terrenos à mata com emprego de enxadas, enxadões e arados, as mulheres eram responsáveis por prover alimentação aos trabalhadores.



Fig. 4 – Mutirão para abertura de estradas, bairro Vargem Limpa. Acervo de Neuza Maure



Fig. 5 – Mutirão para abertura de estradas, bairro Vargem Limpa. Acervo de Zélia Franco



Fig. 6 - Mutirão para abertura de estradas. Acervo de Geraldo José Franco



Fig. 7 – Mutirão para abertura de estradas. Acervo de Geraldo José Franco



Fig. 8 - Estrada pronta. Acervo de Geraldo José Franco



Fig. 9 – Mutirão para abertura de estradas. Acervo de Izabel Cristina Franco



Fig.10 -Mutirão para abertura de estradas.
Acervo de Zélia Franco



Fig. 11 – Mutirão para abertura de estradas.
Acervo de Izabel Cristina Franco

1.4. Casa de Pensão

A Vila de São Pedro teve início juntamente com uma casa, que servia de hospedaria aos viajantes e de ponto de encontro aos moradores da localidade. Ficou conhecida como Pensão “da Marfiza” ou pensão “Canjiquinhária” em alusão ao moinho de pedra que existia na pensão, onde Marfiza moía milho, fazendo fubá e canjiquinha.⁴ A casa - um edifício datado dos anos 1940 - foi construída depois da morte do marido da proprietária e lhe servia de residência, além de abrigar parte de sua parentela. Para aumentar a renda, Marfiza resolveu alugar alguns quartos e também oferecer refeições, transformando o edifício em pensão.

Aqueles que estavam construindo suas residências também hospedavam-se por lá, juntamente com os mais diversos viajantes.⁵ Assim, por ali passaram duplas de cantores de música “caipira de raiz”, como Lourenço e Lourival e Cascatinha e Inhana, além de artistas que faziam espetáculos em circos ou festas no local.

A casa de duas janelas e um alpendre possuiu um dos primeiros aparelhos televisores da localidade, o que aumentou ainda mais a característica social de convivência comunitária da pensão: “em 65/68 chegou mais um benefício do progresso, a televisão. O Sr. João Borges Franco foi o primeiro a comprar uma. Logo após Dona Marfiza também comprou. Em sua casa se reuniam os moradores da comunidade para assistir principalmente as novelas e os noticiários”. (INFORMATIVO..., 1995, p. 3).

⁴ Na ocasião, este trabalho era remunerado com a “maquia”, isto é, porção do cereal equivalente a 4,5 litros.

⁵ Cf. entrevista concedida por Nair Augusta Franco e Izabel Cristina Franco em 8 de janeiro de 2016.

O moinho de pedra, o aparelho televisor e mesmo a passagem de pessoas pela casa estimulavam a sociabilização e a mobilidade da pacata Vila, fazendo-a vagarosamente adentrar ao cotidiano do mundo moderno. Se até então as informações e os costumes das grandes cidades chegavam com relativo atraso, aos poucos os homens e as mulheres poderiam vislumbrar a moda e os costumes da Capital através das novelas e dos programas assistidos. As crianças também tinham sua parcela no televisor, sendo os filmes norte-americanos de *Bang-Bang* os preferidos, como recordou um dos netos da anfitriã da pensão.⁶



Fig. 12 – Pensão de Dona Marfiza Augusta Franco. Acervo pessoal

1.5. Uma pequena trajetória das primeiras letras em São Pedro de Caldas

Pelos registros memorialísticos, sabe-se que “Por volta de 1943, os moradores da Vila de S. Pedro construíram, na praça em frente à igreja, um barracão de madeira e sapé, onde funcionou a primeira escola da Vila com o nome de Escola Nossa Senhora Aparecida” (ESCOLA ESTADUAL JOSÉ FRANCO, 1996, p. 1). Tratava-se de uma instituição de ensino privada, lecionando nela os professores Francisco José, Jorge de Souza Ferreira, Cidinha, José Alvarenga, Julieta Garcia de Carvalho (*Ibidem*). Essa foi a primeira instituição de alfabetização para a pequena população do lugarejo e de suma importância para a inserção mínima das crianças no mundo das letras, já que anteriormente o ensino era promovido nos lares, ainda que de forma precária.

Nessa pequena escola de sapé foram matriculadas inicialmente quatorze alunos, cujos nomes ficaram registrados: “Quinca, Oscar e Celina (filhos do Sr. Joãozinho Oscar), Luiz, Vítor, Augusta e Zélia (filhos do Sr. Beco), Jair, Nelson e Nair (filhos de Dona Marfiza),

⁶ O neto aqui referido é Ronaldo José Franco.

Geni, Divina, Vicente e Vítor(filhos do Sr. Oscar Franco)” (ESCOLA ESTADUAL JOSÉ FRANCO, 1995, p. 1).

Somente mais tarde, “por volta de 1946, foi construída uma casa também na praça da Vila, onde passou a funcionar a Escola, que em 1950 passou a ser municipal.” (ESCOLA ESTADUAL JOSÉ FRANCO, 1996, p. 1) E apenas aí a Escola deixou de funcionar na barraca de sapé da praça.

Porém, “Por ato do Governador do Estado: Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 26/03/55 a Escola passou para o Estado como “Escolas Combinadas de São Pedro de Caldas”.” (*Ibidem*, p. 1). Não obstante, ela ainda continuou a funcionar durante um tempo em prédio cedido: “O primeiro curso instalado foi o primário, tendo seu funcionamento em prédio cedido pela prefeitura Municipal até aos 10 dias do mês de Dezembro de 1969, quando passou a funcionar em prédio próprio, construído em terreno doado pelo Sr. José Franco” (ESCOLA ESTADUAL JOSÉ FRANCO, 1995, p. 4).

Várias mudanças, portanto, foram sendo promovidas, desde a indicação do gestor (Prefeitura ou Estado) até o nome da Escola. Aliás, a nomenclatura dessa instituição de ensino ainda mudaria mais algumas vezes:

Aos 11/05/66, de acordo com a publicação do MG passou à categoria de reunidas com a denominação de Escolas Reunidas de S. Pedro de Caldas, tendo como 1ª diretora, a Sra. Heloíza F. de Carvalho Franco, designada para tal função por ato do Sr. Secretário de Educação, em 17/05/68, fls.10, col.02.

Em 18/06/68 pela lei nº 4.824 conf. Publicação do MG de 19/06/68, fls. 05, col. 01, passou à categoria de Grupo Escolar, com denominação “Grupo Escolar José Franco

Em 1970, passou a se chamar Escola Estadual José Franco (ESCOLA ESTADUAL JOSÉ FRANCO, 1996, p. 1)

Mais alguns fatos ainda se acrescentam à trajetória da Escola, pois em “1978, foi redigido o estatuto da Caixa Escolar José Franco” (*Ibidem*, p. 1) e “em 25/01/85, foi publicado no MG o ato do Sr. governador do Estado, Dr. Hélio C. Garcia autorizando a extensão de séries (5ª a 8ª), na Escola, conf. Resolução Nº 5.333/85, decreto Nº 21.235, publicado no MG de 02/03/85, fls.17, col. 1.” (*Ibidem*, p. 1).

A isso juntou-se ainda que “Em 17/12/88, formou-se a 1ª turma de 8ª série. Eram 24 alunos. O entusiasmo e a felicidade de todos foram muito grandes” (*Ibidem*, p. 1). Tal sensibilidade efusiva era compreensível, pois era o sonho de várias gerações que nunca tinham tido a possibilidade de ver seus filhos e netos em uma Escola formar-se no ensino básico gratuito e sem precisar mudar-se do lugarejo onde viviam.

Atualmente, a Escola encontra-se compartilhada em duas: a Municipal Mauro Franco, que vai do Pré-escolar até o 5º ano (antiga 4ª série), funcionando no período da tarde, e a Estadual José Franco, que vai do 6º ano (antiga 5ª série) até o 9º ano (antiga 8ª série), operando no período da manhã. São duas escolas dividindo o mesmo prédio que pertence contemporaneamente ao Estado, embora a Prefeitura seja responsável por uma instituição escolar e o Estado pela outra. Hoje, diferentemente do passado, os professores não residem mais quase que exclusivamente na Vila, e as perspectivas e os projetos de alunos e docentes também alteraram-se: se anteriormente a educação era um meio de conhecer as letras e números e em grande parte continuar a viver na Vila, no tempo presente a escola geralmente serve como meio de ascensão social e de válvula de escape de baixas condições financeiras. Muitos alunos formam-se no ensino básico e vão para outras cidades almejando prosseguir os estudos ou então conseguir um emprego melhor, devido às limitações de atividades remuneradas no Distrito.

A escola era e é, dessa forma, um local privilegiado de sociabilidades. Ali o aluno conhece outras realidades além da sua e vai construindo a sua subjetividade enquanto ser social no mundo. Ali ele aprende não somente a se “esgueirar” no mundo do conhecimento, mas sobretudo a se relacionar e ver o diferente, buscando respeitá-lo e negociar com ele vontades e objetivos, planos e projetos. A escola portanto, é lugar de trânsito, lugar que possui sentido apenas se “praticado” pelos seres que a frequentam.



Fig. 13– Nova sede da Escola Nossa Senhora Aparecida em 1946. Acervo de Zélia Franco.

1.6. Uma quase emancipação

Ter a condição de cidade foi sempre um dos objetivos últimos de boa parte da população local em termos de emancipação. Isso quase tornou-se realidade em 1995: “O Tribunal Regional Eleitoral aprovou a Inclusão do distrito de São Pedro de Caldas entre aqueles que vão realizar plebiscito para decidir suas emancipações no próximo dia 22 de outubro” (ALTO RIO PARDO, 1995a, p. 2). Nessa época havia grande otimismo por parte da população:

O dia 22 de outubro vai entrar para nossa história como o dia em que o sonho de liberdade se tornou realidade. Já atingimos nossa maioria e já podemos caminhar sozinhos, decidindo como utilizar as riquezas que produzimos em nosso território e gerando prosperidade”, destacou José Bonifácio Borges Franco (Zequita). (*Ibidem*, p.2)

No entanto uma série de divergências e conflitos advindos entre a comissão pró-emancipação e a Prefeitura Municipal de Caldas atrapalharam o processo emancipatório do lugarejo:

Diversos números envolvidos na questão não estão batendo pois a Prefeitura de Caldas informou à comissão de emancipação da Assembleia legislativa (que tem como relator o Deputado José Maria de Barros) que existia em seu cadastro somente 218 casas – o que não preenchia o número exigido por lei. Porém a comissão Pró-emancipação do Distrito contou as moradias e chegou ao número de 432 moradias em condições de habitação. Feito isso, recorreu à Assembleia conseguindo fazer que o presidente nomeasse uma comissão para se deslocar até a sede do distrito para conferir pessoalmente a exatidão do número. Com isso foi possível e constatado na presença do juiz de Direito de caldas, Dr. Ronaldo Tovani, que teria dado total confiança aos números apresentados pela comissão formada por pessoas idôneas e de sua confiança frisou o juiz [...] (*Ibidem*, p. 6)

Sabe-se hoje por meio de depoimentos⁷ que os próprios moradores em cooperação mútua se utilizavam de pequenas táticas para ludibriar a comissão de emancipação. Segundo Ronaldo José Franco, vários habitantes colocaram camas nos porões e casinhas de fundo de quintal para que o número de habitações alcançasse o mínimo necessário para a emancipação, sendo inúmeros também os que já morando fora transferiram seus títulos para o local para que por meio disso o número de eleitores também alcançasse o mínimo necessário.

Apesar de tudo, o fato ao final de tudo é que São Pedro de Caldas não conseguiu a tão almejada emancipação política do Município de Caldas, continuando até os dias atuais na condição de distrito do dito Município.

⁷ Depoimento de Ronaldo José Franco dado em 24/02/2017 a Isaias Gabriel Franco.



Fig. 14 – Uma quase emancipação. Jornal da região acompanhou e trouxe em destaque todo o processo emancipatório. Acervo de Isaias Franco

1.7. Um lugar praticado

Um lugar não se define apenas por ser uma área com limites circunscritos, constituídos por algum código ou ordem endereçadas a quem ali circula, mas ele só existe por ser praticado. Ele é constituído pelos seres que o povoam e dele se apropriam. Assim, um bairro, “é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada” (CERTEAU, 2008, p. 41)

Os gestos são verdadeiros arquivos da cidade, se entendermos por “arquivos” o passado selecionado e reempregado em função de usos presentes. Refazem diariamente a paisagem [...] Esculpem nele mil passados que talvez já são inomináveis [...] As histórias sem palavras do andar, do vestir-se, de morar ou do cozinhar trabalham os bairros com ausências; traçam aí memórias que não tem mais lugar. Este é também o “trabalho” dos relatos urbanos [...] Acrescentam à cidade visível as “cidades invisíveis” de que fala Calvino. (CERTEAU, 2008, p. 200)

A vila de São Pedro tornou-se assim um lugar singular devido às práticas no tempo e no espaço, algumas das quais brevemente apresentadas acima: práticas de sujeitos anônimos que ali desenharam um pequeno caminho e que reelaboradas no tempo constituem histórias e cotidianos.

CAPÍTULO 2

ACORDES DE SANTA CECÍLIA

*O som é uma maneira de conhecer o mundo,
um habitus, um mapa,
onde povos podem se situar física e emocionalmente.*
(SILVA, 2015, p.439)

Foi talvez pensando em aumentar a esfera de sociabilidade na Vila, constituída até então somente pelos marcos de religiosidade e algumas casas, que em 1945, Virgílio Ferreira Franco foi ao Distrito de Ipuíuna.⁸ Lá segundo, registros memoriais, “morava uma família de músicos que dava aula na escola daquela cidade” (FRANCO, 2008, p.1). De acordo com outros relatos da época, Virgílio trouxe essa família para habitar na Vila de São Pedro de Caldas, em um prédio que tanto abrigava sua residência como a nova escola de música: “A família era constituída do casal senhor Francisco José e sua esposa Dona Maria, seus filhos, Antônio músico, Jorge também músico e professor, Maria Aparecida, a irmã que só lecionava em sala primária. E foi assim o princípio de tudo” (FRANCO, 2008, p. 1).



Fig. 15. Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas. 1951. Acervo pessoal.

⁸ Distante aproximadamente 34 km de Caldas, o atual município de Ipuíuna também teve suas origens ligadas ao latifúndio do Capivari e a Manoel Inácio Franco e seus herdeiros. Com a abertura da estrada de Ouro Fino a Cabo Verde, entre 1759 e 1778, a concessão de uma carta de sesmaria ao capitão Bernardo José Simões e a fundação em 1891 de Santa Quitéria e São João Batista, estabeleceram-se as condições para que se criasse a vila que daria origem à atual cidade mineira. É provável que a busca por professores em Ipuíuna tenha se dado com base nos laços de parentesco que ligavam famílias de ambos os lugares. Ver: FRANCO, Ipuíuna. História da gente – Origem do povo – Memórias, s.d.

É importante no entanto que antes de prosseguir, alocemos a experiência sampretrina de música em uma dinâmica maior que já havia começado há tempos, com o advento da própria povoação das Minas:

A música europeia penetrou na região das Minas Gerais juntamente com as primeiras entradas exploratórias, que buscavam metais no interior da Colônia [...] à medida que os bandeirantes avançavam pelo interior da Colônia, e concomitantemente ao massacre indígena, pequenas povoações iam nascendo. Possuindo a colonização portuguesa um caráter fortemente religioso, essa incipiente urbanização foi acompanhada de inúmeras cerimônias religiosas celebradas com música. (PFEFFER; LUNA, 2005, p. 34)

Porém, dentro desta dinâmica maior que é o campo musical como um todo, é imprescindível que falemos particularmente sobre as origens das bandas mineiras:

Em fins do século XVIII e início do XIX, houve ainda outra forma de expressão da música profana mineira: as bandas. Surgidas nas cidades consolidadas ao longo da Estrada Real, as bandas substituem instrumentos de cordas pelos de sopro, como clarinetes, trompetes, trombones e tubas. Saem da cena violinos, violas, violoncelos, flautas, fagotes e trompas. Mais ágil que a música sacra, a música das bandas é executada nas praças e coretos das cidades, libertando-se, ao menos em parte, do jugo da Igreja. As quadrilhas e polcas caem no gosto popular e têm grande aceitação [...] As bandas serviam às festas religiosas e aos políticos, encanavam jovens e velho, ganharam a praça pública e os quartéis. Todos paravam “pra ver a banda passar”. (*Ibidem*, p. 41-42)

Ou como bem escreveu o musicólogo Curt Lange:

Quiero hablarles de las bandas del interior del Brasil cuya historia arranca de los tiempos coloniales en que múltiples organizaciones musicales se dedicaban al ejercicio de la música religiosa, actuando al mismo tiempo en cortejos fúnebres, casamientos, reuniones de solaz o como bandas de regimiento. Si bien, aparentemente, la intensa actividad musical en los templos no tendría relación con las bandas, de su ejercicio y de su práctica surgieron las actividades menores que he citado. Las bandas, tal como nosotros las hemos visto y oído, representan, con su típico instrumental, parte de la expansión espiritual en el siglo XIX, en que la función de la Iglesia perdía su fuerza aglutinadora de todos los días a consecuencia de una infiltración, no sólo de ideas filosóficas renovadoras, sino también de una proporción cada vez mayor de música profana. La formación del concepto banda es propio de ese período en que desapareció el monopolio de los países madres (España y Portugal) y en que vinieron, con la apertura de los puertos, instrumentos de viento procedentes de Inglaterra, Alemania y Francia, de la misma manera como fueron importados cada vez en mayor número, los pianos. Con el cambio del sistema político, mejor asentado desde 1850 en adelante, los partidos tradicionales, el liberal y el conservador, recurrían también a las bandas para su propaganda en actos cívicos, junto a los discursos en las reuniones al aire libre o en locales

cerrados, y para festejar con grandes desfiles el triunfo eleccionario. (CURT LANGE, 1997)

Compreendendo, desta forma, as bandas de música mineiras como uma expressão de sociabilidade, deve se também considerar que elas portam em si uma dinâmica própria de historicidade, transformando-se em conformidade aos períodos e sendo ressignificadas em seus usos e expressões. Neste capítulo, buscaremos interpretar, através da Banda Santa Cecília, algumas maneiras de habitar a localidade da Vila de São Pedro sob a mediação da música, tendo em vista a época, os sujeitos e as dinâmicas sociais. Afinal,

[...] as bandas deixam de ser apenas um conjunto musical para adquirirem as características de uma comunidade em toda a sua dinâmica de relação humana. Desta forma, consideramos que tais bandas podem ser vistas como um autêntico lugar de “arquivo vivo”, pois ali encontramos a possibilidade de “ler” uma prática musical relacionada a diferentes contextos. (COSTA, 2011, p. 240)

2.1. A Banda no cotidiano da Vila

Trazidos os professores, logo chegaram os interessados em aprender música e, assim, participar da banda que então seria criada. Porém, os primeiros tempos foram difíceis, uma vez que algumas dessas pessoas sequer tinham a noção de como manusear um instrumento musical. Oswaldo Borges Franco, por exemplo, conta em suas memórias algumas experiências nesse período: “O Sr. Virgílio um dia, me convidou para fazer parte da corporação musical que queria formar [...] e eu fui. [...] Recebi as primeiras lições da música, tendo assim a primeira noção do que é a música propriamente dita, pois é muito difícil no começo”. (FRANCO, 2008, p.1)

Fora o desafio do aprendizado inicial, os integrantes tinham que lidar com vários outros problemas, entre os quais a falta de instrumentos musicais. Isso porque, até então, “os instrumentos que tinham eram apenas o que a família trouxe da cidade de Ipuíuna” (*Ibidem*, p.1). A solução para esse problema foi encontrada na generosidade de alguns, que doaram o que faltava. Outros percalços também tiveram que ser enfrentados: depois de obtidos os instrumentos, geralmente era necessário reformá-los, devido ao seu estado precário. Isso, além de levar certo tempo, exigia alguma técnica, sendo os reparos comumente promovidos em São Paulo. Apesar disso, as aulas de música prosseguiram.



Fig. 16. Banda Santa Cecília – Junho de 1947. Acervo pessoal.

A banda não teve uma data de fundação propriamente dita e sua criação não foi noticiada em jornais ou outros meios de divulgação local. Ela foi surgindo aos poucos, brotando mais do aprendizado dos integrantes que participavam das aulas e dos convites para apresentações. Assim, a Corporação Musical Santa Cecília de São Pedro de Caldas foi se formando aos poucos ao longo dos anos 1940. A escolha do nome deveu-se provavelmente ao fato da mártir cristã Cecília, uma nobre romana do século II ser a santa católica proclamada padroeira⁹ dos músicos, como nos relata um dos integrantes da banda: “Santa Cecília é a padroeira dos músicos, né?” (GARCIA FRANCO, 2019)



Fig. 17. Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas. Maio de 1948. Acervo pessoal.

⁹ Santa Cecília foi “nomeada [...] padroeira dos músicos em 1594, pelo papa Gregório XIII” (ZWILLING, 2015, p. 147),

À medida em que se apresentava, a Banda tornou-se conhecida nas redondezas e, pouco a pouco, as dificuldades iniciais iam desaparecendo. Segundo Oswaldo Borges Franco, “[...] as coisas foram só para frente. Fomos convidados tocar na cidade de Campestre, Caldas, Santana de Caldas e Poços de Caldas na Festa de São Benedito” (FRANCO, 2008, p.1). Os registros fotográficos acompanharam essa trajetória da Banda:



Fig. 18. Banda Santa Cecília de São Pedro de Caldas.22/05/1951. Acervo pessoal.



Fig. 19 – Banda Santa Cecília de São Pedro. Acervo pessoal.

É interessante notar que o próprio espaço urbano da vila sofreu alterações com a constituição da banda: “Para suas apresentações foi construído um coreto no meio da praça”. (Escola Estadual José Franco, 1995, p. 3)



Fig. 20 e 21 – Crianças brincam na Praça da Matriz, com o coreto ao fundo. Acervo de Paulo Afonso (Piu).



Fig. 22 – O coreto atualmente. Acervo de Cristina Helena Franco.

Apesar do público na região ser cada vez maior, no ano de 1952 a Banda Santa Cecília de São Pedro foi extinta. O motivo para o fechamento desta corporação foi a mudança de parte dos integrantes, que migraram da Vila por motivos diversos. Deslocamento, inclusive,

do próprio professor de música: “o Sr. Chico José foi convidado para ir para Bandeira do Sul. O Jorge e o Zé do Tião, figura importante da Banda mudaram para a cidade de Maringá no estado do Paraná” (FRANCO, 2008, s. p.) Segundo o depoimento de um dos integrantes da banda, “Aí foi acabando a banda, por que aí não tinha maestro. O Vado andou tocando baixo um pouco e dando uma de maestro, mas ele não tinha estudo quase, então aí acabou.” (GARCIA FRANCO, 2019)

Com o fim da Banda, extinguiu-se também uma instância de conagração da Vila. As músicas do Grupo não mais soaram na praça e nem nos eventos e festas da comunidade e assim não mobilizaram mais a população ao seu redor.

2.2. De aprendizes a compositores

Em um dos cadernos de Oswaldo Borges Franco, que ingressou na banda logo em seus primórdios, é possível ler a seguinte anotação, datada de 8 de agosto de 1946:

[...] a música é uma combinação de sons melódiosos [...] os sons representam-se por sete notas ou signos: dó ré mi fá só lá si – são estes os vocábulo, e escreve-se sobre uma pauta que contem 5 linhas 4 espaços naturais; há também suplementares naturais, superiores, inferiores. (FRANCO, 1946).¹⁰

Este mesmo caderno porta uma série de lições, as quais primeiro tentam descrever o processo e a conceituação da música e sua prática. Assim, escala é compreendida como “a progressão ascendente de oito notas e pode-se reproduzir quase infinitamente, tanto subindo como descendo.” (FRANCO, 1946), enquanto tom é tido como a denominação da “nota fundamental em que se estabelece qualquer composição, esta nota é sempre a 1ª da escala” (*Ibidem*). É nítido, por este caderno, que estava ocorrendo ali o início de um processo de aprendizado não somente do como tocar, mas do próprio sentido atribuído à música: “uma combinação de sons melódiosos, que simplesmente através da pontuação, compassos e divisões, nos dá a inspiração para compor” (*Ibidem*, p.1).

À medida também que os anos se passavam, as dificuldades diante da música também desapareciam. Desta maneira, da condição de aprendiz em 1946, Oswaldo Borges Franco chegou a compositor.

¹⁰ A grafia foi atualizada pela norma vigente.



Fig. 23 – Nelson Bento, integrante da Banda.
Acervo de Maria Edite Franco.



Fig. 24 – Nelson Bento, integrante da Banda.
Outubro de 1951.
Acervo de Izabel Cristina Franco.

Em outro dos cadernos de Oswaldo Borges Franco, de 1949, já não vemos conceitos e lições copiadas (provavelmente dos ditos da família de professores) e sim composições da própria autoria, como a *Valsa sobre o luar de São Pedro*.

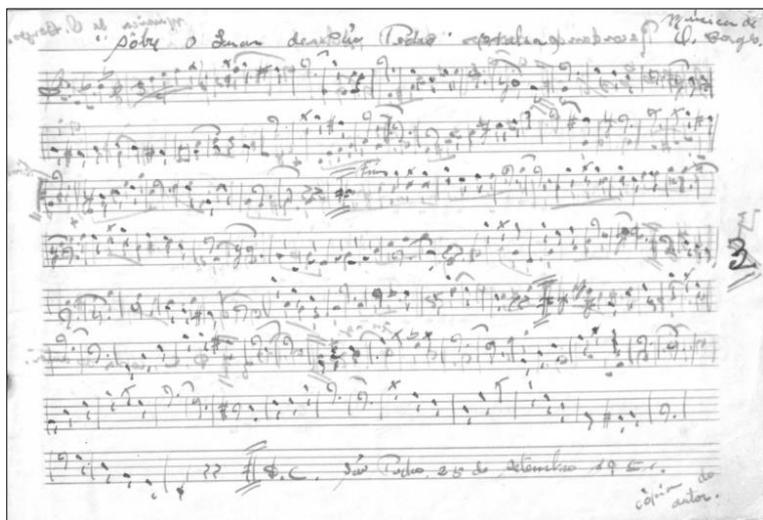


Fig.25 – Partitura da *Valsa sobre o luar de São Pedro*. Acervo de Iramir Borges Franco.

Para além de valsas, os chamados dobrados eram também comuns tanto na Santa Cecília de São Pedro quanto em um âmbito maior, nacional:

Un género especial del Brasil son sus *dobrados*, marchas genuinas de ese país que en tiempos idos tomaron por molde el *pas redoublé* francés, marcha militar que los alemanes llamarían *Eilmarsch*. Es increíble el número de *dobrados* escritos por brasileños vueltos creaciones anónimas al correr del tiempo. (CURT LANGE, 1997)

Aliás, Oswaldo Borges Franco foi o compositor de parte das músicas executadas pela Banda Santa Cecília em suas apresentações, dentre as quais a valsa *Esquecerei soluçando*, que o mesmo dedicou à sua esposa Doroty Franco:

Fui muito feliz em compor a valsa quando me inspirei em uma pessoa muito especial para mim até hoje. Uma moça de “bem longe” e que no ano de 1956, me casei com ela, e que me deu 4 filhos e 6 netos, que para mim é o maior presente do céu que Deus me entregou que é a “família”. (FRANCO, 2008, s.p.)

Handwritten musical score for the waltz "Esquecerei soluçando" by Oswaldo Borges Franco. The score is written on ten staves. The title "Valsa Esquecerei soluçando" is written at the top in cursive, followed by "O. Borges Franco". The music is in 3/4 time and features a melodic line with various ornaments and a bass line. The word "DUETTO" is written in the middle of the score. At the bottom, there is a dedication: "Ded. S. Pedro da cadeia, setembro de 1957". The number "7" is written in the bottom right corner of the page.

Fig. 26 – Partitura da valsa *Esquecerei Soluçando*. Acervo de Iramir Borges Franco.

ESQUECEREI SOLUCANDO - OSWALDO BORGES FRANCO

Eu choro, quando estou relembrando
daquele nosso amor, amor que eu perdi, de fato estou penando!!
Agora, jamais prosseguirá aquele grande amor, já foi voando.
Eu choro e os dias vão passando
Já não tenho esperança
Só suas desculpas se vão aumentando.
Sofro, mais só não desculpando
Porque do nosso amor
Esquecerei soluçando

Se um dia
Tu voltares arrependida.
Eu hei de perdoar
Minha querida
Com o perdão
Tu ficarás arrependida.
Eu quero teu amor por toda vida.

Somente com justiça
É que perdoarei a tua grande falta
Durante muito tempo
Namoraste outro e isso que me mata
Conformei com o que sofria
Com certeza eu merecia
Agora transformei
Ela só me adora
Com carinho e glória
Com os seus lábios cheios de mel.
Vamos viver no descanso a cantar
Juntinho com os anjos do céu



Fig. 27 – Letra da valsa *Esquecerei Soluçando*. com fotografia da banda.
Acervo de Iramir Borges Franco.

2.3. E o verbo se fez ... Música

O som das valsas, sambas e outras composições executadas pela Banda Santa Cecília mostram-se fundamentais para se compreender a constituição do cotidiano de São Pedro de Caldas, isso por que eles acompanharam os anos iniciais da Vila: a corporação era presença imprescindível nas festas, leilões, partidas de futebol e procissões. Assim, tais sonoridades

perpetuam-se não pela materialidade sonora – uma vez que não existem gravações feitas/arquivadas – mas no campo da memória, onde são constantemente acessadas, reelaboradas e reinventadas; permaneceram nas lembranças de antigos moradores.

Assim, até hoje, no Distrito, as melodias da Santa Cecília de São Pedro são mencionadas com nostalgia.¹¹ Dona Regina Graciana da Silva, por exemplo, recordava-se da Banda: “[...] a gente ia apenas para as festas e algumas festas perto de casa sempre acompanhada de meus pais [...] Sempre nas festas de São Pedro e uma missa, a banda de musica tocava. E no dia das mães, a banda tocava em homenagem a todas as mães”. (SILVA, 2008, s.p). Darcy Franco Faria também evoca a Banda em uma memória sobre as festas do padroeiro:

O que tenho de recordação das festas de São Pedro mais antiga é que para o leilão, além das prendas que existem hoje como cartuchos, doces, rocambole, frangos, leitões também eram feitos pães e roscas que eram guardados em balaios e eram vendidos bem baratinhos ou mesmo doados para as pessoas mais carentes.

A banda de música tocava durante um bom tempo da festa e o povo acompanhava cheio de animação. (FRANCO, Darcy, 2008)

Todos esses relatos indicam a importância da Corporação Musical Santa Cecília na vivência cotidiana do distrito de São Pedro de Caldas, que tanto contribuiu para a vivência comunitária da população do lugarejo:

As bandas constituíram-se, muitas vezes, como uma das únicas manifestações culturais das pequenas cidades interioranas. Podem ser pequenas ou grandes e em diversos estilos, como de fanfarra, marcial, de coreto, entre outros. Independente da classificação, elas estão presentes nos momentos sociais mais importantes da cidade, sejam civis ou religiosos. (COSTA, 2011, p.242)

A Banda, assim, inegavelmente constituiu-se em fator de sociabilidade local:

Vinculadas a diferentes momentos de uma comunidade, as bandas de música caracterizam-se também por seu aspecto coletivo e integrador. Essas sociedades musicais se apresentam como lugares onde se articulam idéias e imagens, ritos e práticas que exprimem a via escolhida pelo grupo para a sua inserção na sociedade, melhor dizendo, elas constroem espaços de sociabilidade, afirmando uma determinada cultura e identidade. São

¹¹ De forma similar, abordando a mediação do rádio, o seguinte excerto também explicita o processo de criação do lugar através da sonoridade: “O meu ponto de partida é a ideia de que o som da rádio cria uma “paisagem sonora” com textura dentro de casa, no interior da qual as pessoas se deslocam e vivem a sua vida cotidiana (...) O som da rádio pode ser usado como forma de preencher o tempo e o espaço. Pode funcionar como um ponto de referência de memórias e sentimentos, de outros lugares e épocas. Pode servir para ligar alguém ao presente. Pode ajudar a estabelecer e manter identidades, e é frequentemente usado como marcador temporal” (TACHI, 1998, p. 26).

conjuntos associados ao espaço público, ocupado por uma coletividade. Com elas, os eventos públicos ganham um novo e poderoso ingrediente, sendo este capaz de mobilizar uma parcela significativa da população, despertando sentimentos coletivos, pois as bandas estão presentes nos momentos mais importantes da sociedade. (*Ibidem*, p. 259)

Mais ainda, é possível considerar que a Banda de Santa Cecília operou como uma instância sociocultural de “enraizamento”, experiência assim descrita pela filósofa Simone Weil:

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente (WEIL, 2008).

CAPÍTULO 3

UM ESPAÇO SONORO

Um espaço é uma multidimensionalidade de vivências que continuamente nos ultrapassam. De uma dimensão palpável e física até uma dimensão intangível, mas praticada, são muitas as sobreposições que constituem os lugares, seus movimentos, suas sociabilidades, suas brechas, suas regras, bem como suas exceções. Até o caminhar torna-se uma prática criadora (CARERI, 2013). Há, assim, nos lugares, não só pedras, tijolos, cimento, areia, mas também afetos, desejos e um elemento muitas vezes despercebido, o som.

Uma definição de som pela física, seria o de uma onda mecânica em propagação. No entanto, este entendimento pode ir além: “O som em sua dimensão experiencial é algo difícil de se encontrar, posto que está sempre ali e aqui, dentro e fora, ao mesmo tempo e sempre” (NAKAHODO, 2014, p. 13). Neste sentido, olhar, suscitar e (re)elaborar a Santa Cecília de São Pedro de Caldas amalgama uma dimensão de escuta articulada com experiência e espacialidade. Ou seja, algo novo é constituído aqui: espaços tornam-se lugares, e isto, “pela necessidade de um conceito que relaciona sua camada física e invisível à produção de sentido a partir da experiência humana, a partir de um ponto de vista, ou ponto de escuta neste contexto.” (NAKAHODO, 2014, p. 13). Usando de um conceito do campo teórico musical, podemos falar também em paisagem sonora: “uma paisagem sonora consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos” (SCHAFER, 2001, p. 24)

A Santa Cecília cria um espaço, fomenta sociabilidades a partir de suas sonoridades. É preciso, portanto, pensar também o social a partir do sonoro, de forma ainda mais alargada do que o musical criado pela Santa Cecília. Quais os sons dessa São Pedro de Caldas da década de 1940? Quem os produzia? Tachos, panelas, pássaros, burros, rezas, carros de boi etc.: sons de “trilhas por onde só transitavam a pé ou em lombos de cavalos ou burros, havendo dificuldades para passar os carros de boi” (Escola Estadual José Franco, 1995, p. 1). Em resumo, trata-se de sons de um ambiente rural, em grande parte ainda provinciano.

E considerando a área de localização – zona fronteira a São Paulo, estamos tratando dos sons específicos de uma tipologia de vida interiorana brasileira, a do “caipira”, como ficou costumeiramente conhecido:

A fixação generalizada do paulista ao solo, em seguida ao fim dos ciclos bandeirantes, no século XVIII, fez com que se espraiasse pela Capitania, até os limites do povoamento [...] um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes das Capitanias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se

apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros. (CÂNDIDO, 1982, p. 79)¹²



Fig. 28 – Mutirão para abertura de estradas: sociabilidades típicas do mundo rural marcariam fortemente a constituição da paisagem e da ‘civildade’ sampetrina. Acervo da Escola Estadual José Franco.

São Pedro, mesmo sendo uma vila, inicialmente portava lógicas de ordenamento preponderantes do mundo rural, até mesmo pela longa distância a que estava alocada dos centros urbanos mais próximos da época:

Se nos ativermos às manifestações realmente integras de sociabilidade e cultura caipiras, o isolamento deve ser entendido como fenômeno referente ao grupo de vizinhança, não ao indivíduo ou, mesmo, à família. Neste sentido, porém, era bastante acentuado, não apenas sob o aspecto geográfico, mas cultural.

Com efeito, os contatos intergrupais podiam ampliar a possibilidade de relações, mas dificilmente significariam oportunidades para experiências realmente novas, como a difusão de traços. Por toda parte, as mesmas práticas festivas, a mesma literatura oral, a mesma organização da família, os mesmos processos agrícolas, o mesmo equipamento material. (CÂNDIDO, 1982, p. 83)

¹² O texto citado, de autoria de Antônio Cândido, apesar de escrito originalmente em 1954, ainda constitui-se até a atualidade em referencial para quem discorre sobre a tipologia do Caipira: “[...] interpretação ampla da formação social brasileira, que sublinha a importância dos homens pobres do campo desde a colonização. Àqueles que viveram às margens do latifúndio, afirma a importância histórica decisiva.” (JACKSON, 2002, p. 142)



Fig. 29 – Boiada da fazenda de Oscar José Franco. Acervo de Izabel Cristina Franco

Isso iria influenciar em demasia e a longo prazo a constituição inclusive sonora de São Pedro de Caldas: modas de viola, folias de reis, conversas cotidianas, mugidos, o monjolo: tudo adensava a malha sonora sampetrina. O mundo rural permaneceria “ecoando” seus sons, mesmo quando novas sociabilidades e civilidades urbanas começam a aparecer:

E, dando sequência à formação da Vila, logo veio a construção da igreja. A comissão, comandada pelo então Oscar José Franco, convocou todos os fazendeiros, sitiantes que tinham carros de boi para carregamentos de tijolos, madeiras para andaimes e para travamento das paredes da igreja, em construção, tudo de uma só vez [...] o que foi muito bonito (FRANCO, 2007, p. 2).

“Qual é a relação entre os homens e os sons de seu ambiente e o que acontece quando esses sons se modificam?” (SCHAFFER, 2001, p. 18). Esta pergunta é importante, e a partir dela parte a observação da vila que vai tornando-se um espaço “multidimensional” que aos poucos articula pelo trânsito e pelas respectivas mutabilidades disso, as experiências, o físico e o afetivo. Tudo isso fermentado e ultrapassado pela própria sonoridade em relação com os corpos que por ela são ultrapassados. Tratamos de São Pedro não como algo amorfo, mas sim como algo dinâmico e ainda vivo nas memórias e no imaginário das gerações que foram se seguindo

Podemos saber exatamente quantos edifícios foram construídos numa determinada área ao longo de uma década ou qual foi o crescimento da população, mas não sabemos dizer em quantos decibéis o nível de ruído ambiental pode ter aumentado em um período de tempo comparável. Mais do que isso: os sons podem ser alterados ou desaparecer e merecer apenas

parcos comentários, mesmo que por parte do mais sensível dos historiadores. Assim, embora possamos utilizar modernas técnicas de gravação no estudo das paisagens sonoras contemporâneas, para fundamentar as perspectivas históricas temos que nos voltar para o relato de testemunhas auditivas da literatura e da mitologia, bem como aos registros antropológicos e históricos. (SCHAFFER, 2001, p. 24)

Então podemos dizer inclusive que o que temos é uma tessitura, uma malha, uma “bricolagem”¹³ de afetações: espaciais, afetivas, religiosas, imaginativas e neste caso, em especial, sonoras. Uma combinatória de sentidos que orientam a vida e o agir dos sujeitos.

Quando a Santa Cecília aparece, sonoramente uma paisagem já estava em movimento.¹⁴ Mas a Banda vai aos poucos sendo sorvida e misturada aos sons do cotidiano, sendo presença imprescindível em festas e outros eventos. Como inclusive já foi mostrado no capítulo anterior:

O que tenho de recordação das festas de São Pedro mais antigas é que para o leilão, além das prendas que existem hoje como cartuchos, doces, rocambole, frangos, leitoas, também eram feitos pães e roscas que eram guardados em balaios e eram vendidos bem baratinhos ou mesmo doados para as pessoas mais carentes.

A banda de música tocava durante um bom tempo da festa e o povo acompanhava cheio de animação. (FRANCO, Darcy, 2008)

Como percebe-se o único acesso que temos à Banda hoje é pelo viés memorial. Nas entrelinhas da memória transcrita acima, percebemos que “o sentido da audição não pode ser desligado da vontade” (SCHAFFER, 2001, p.29). Nem da vontade, nem dos afetos e nem da realidade circundante – são estes itens os formadores de uma memória sonora. Ao se (re)memorar, inclusive uma certa sonoridade, aciona-se a vontade e uma série de mecanismos da psique humana, bem como fatores externos. Como bem postulou Roland Barthes “ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico” (BARTHES, 1990, p. 217) . Sendo que

A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis, para se concentrar no que é desejável. Os olhos apontam para fora, os ouvidos para dentro. Eles absorvem informação. Wagner disse: ‘O homem voltado para o exterior apela para o olho, o homem interiorizado, para o ouvido.’ O ouvido é também um orifício erótico. Ouvir lindos sons, por exemplo, os sons da música, é como sentir a língua de um amante em nossos ouvidos. Assim, por sua própria natureza, o ouvido requer que os sons dispersos e confusos sejam interrompidos para

¹³ Embora transformado em conceito inicialmente por Lévi Strauss, a concepção que aqui uso é no sentido atribuído por Michel de Certeau, que atribui ao conceito uma inventividade à discursividade. Ver: CERTEAU, 1994.

¹⁴ Uso aqui o conceito de paisagem, *landscape* de tim Ingold. Ver: BAILÃO, André S. *INGOLD, Tim. Paisagem*. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>. Acesso em 11 out. 2019.

que ele possa concentrar-se naquilo que realmente importa. (SCHAFFER, 2001, p. 29)

A Banda Santa Cecília atentava para tais sonoridades locais, procedendo a uma escuta atenta, embora indireta, dessas referências culturais do audível, quer através de suas composições e seleção do repertório, quer por constituir-se, ela própria, em um elemento integrante da paisagem sonora da Vila: “[...] a gente ia apenas para as festas e algumas festas perto de casa sempre acompanhada de meus pais [...] Sempre nas festas de São Pedro e uma missa, a banda de musica tocava. E no dia das mães, a banda tocava em homenagem a todas as mães”. (SILVA, 2008, s.p.)

Imagina-se e recria-se *ad infinitum* as experiências ao entorno de algo. O som da Santa Cecília foi desta dita forma escutado, ouvido, reelaborado, interpretado e guardado nas memórias dos sujeitos. Registros memórias, fotografias e velhas partituras são os portais de acesso a essa subcamada da realidade que permitem suscitar e reavivar esse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após longo tempo estudando as fontes memorialísticas circulantes pelo Distrito de São Pedro de Caldas e, embora procedendo à finalização deste estudo sobre a Banda Santa Cecília, ainda emergem várias possibilidades de interpretação advindas de uma infinidade de pontos de vista a serem dissecados, o que não deixa de ser um convite a futuras e novas investigações sobre a temática. Já no que tange a este trabalho, algumas finalizações fazem-se necessárias.

Como sabe-se, este trabalho partiu de uma Banda, privilegiando dentro do possível, dadas as fontes, as experiências de cunho sonoros/sensitivos/musicais, o que permite-nos afirmar, assim, como primeira conclusão do estudo desenvolvido, que as sonoridades produzidas pela Banda imiscuíram-se às sociabilidades do lugarejo, acrescendo-se ao leque bem mais amplo de sons e ruídos que já existiam previamente ao surgimento da mesma, advindos da natureza e do cotidiano rural. Uma segunda conclusão à guisa deste mesmo estudo indica a criação de espaços sócio-culturais pelos sons da Santa Cecília, espaços estes co(re)criados infinitamente no espaço da memória dos sujeitos, que por motivos os mais distintos, ainda recordam da corporação musical na tessitura de suas relações com o lugar habitado, interligando assim a criação da Vila de São Pedro de Caldas à uma dimensão sonora- musical.

A construção das sociabilidades de um espaço pode, desta forma, ser reconstituídas pelos sons. Invisíveis e imateriais, tais sonoridades (sons culturalmente entendidos) permanecem sendo re-ordenadas. A santa Cecília está aí nas memórias do sujeitos, cria e re-cria espaços, e é também re-inventada. Não mais toca no coreto já há tempos vazio da praça Uriel Alvim em São Pedro de Caldas. Hoje ela faz sua apresentação aqui nestas breves linhas de quem nunca a ouviu por si próprio, mas que apenas a vislumbrou nas reminiscências muitas vezes saudosas de conhecidos e parentes mais velhos o que foi aquele espaço musical de sociabilidades.

REFERÊNCIAS

Fontes impressas:

A Comarca [Jornal circulante no município de Caldas]. Caldas, Ano VII, n. 79, mar. 1978.

Alto do Rio Pardo [Jornal circulante no município de Caldas]. Região Alto do Rio Pardo, ano XXVI, edição 449, p. 8. 1ª quinzena de julho de 2012.

FRANCO, Darcy. Entrevista concedida em 2008. Mimeo

FRANCO, José Geraldo. *Ipíuna. História da terra – Origem do povo – Memórias*. S.l.: Gesv Gráfica e Editora, s. d.

_____. *Os Franco: tronco sul-mineiro, História e genealogia*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1995.

FRANCO, Izabel Cristina. Entrevista concedida a Isaías Gabriel Franco em 8 de janeiro de 2016.

FRANCO, Ronaldo José. Entrevista concedida a Isaías Franco em 16 de novembro de 2016.

FRANCO, Oswaldo Borges. Algumas memórias de São Pedro de Caldas. São Pedro de Caldas, 12 out. 2007. Mimeo.

_____. *Banda de música*. 5 ago. 2008. Mimeo.

_____. Sem título. 8 ago. 1946. Manuscrito

_____. Sem título. 1949. Manuscrito

Informativo da Escola Estadual José Franco. Edição Especial. São Pedro de Caldas, 31 out. 1995.

Informativo da Escola Estadual José Franco. Edição Especial. São Pedro de Caldas. 1996.

Projeto pedagógico GDP – Patrimônio, elaborado por professores e alunos da Escola Estadual José Franco. São Pedro de Caldas, nov. 2008.

SILVA, Regina Graciana. Entrevista concedida a Laura Carvalho Silva em 2008. Mimeo.

Áudio:

GARCIA FRANCO, Vadir. [abr. 2019]. Entrevistador: Isaías Gabriel Franco. São Pedro de Caldas, 2019. 2 arquivos. mp3 (17:68)

Obras Gerais:

BARTHES, Roland. A escuta. In: *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BAILÃO, André S. *INGOLD, Tim. Paisagem*. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>. Acesso em: 11 out. 2019.

CARERI, Francesco. *Walkscapes*. O caminhar como Prática Estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 7ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COSTA, Manuela Areias. Música e história: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares. *Tempos Históricos*, v. 15. p. 240-260, 1º sem. 2011.
- CRUZ, C. Ferraz. Fazendas do Sul de Minas Gerais: arquitetura rural nos séculos XVIII
- CURT LANGE, F. *Las bandas de musica em el Brasil. Revista de Musicologia Chilena*, Santiago, v. 51, n.187, ene. 1997.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. História local: o conhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2007.
- JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de AntonioCandido*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.
- LOPES, Marco; MARTINS, Lobato. Negócio à moda antiga: tropas de comércio em Diamantina nos meados do século XX. *História*, São Paulo, v.30, n.1, p. 332 - 348, jan/jun 2011.
- MATA, Sergio da. *Chão de Deus: catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil, Séculos XVIII-XIX*. Berlin: WVB, 2002.
- NAHAKODO, Lilian Nakao. *Cartografias sonoras: um estudo sobre a produção de lugares a partir de práticas sonoras contemporâneas*. 2014. 164f. Dissertação (mestrado em música) – setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.
- PAES, Jurema Mascarenhas. *Tropas e Tropiceros na Primeira Metade do Século XIX no Alto Sertão Baiano*. Dissertação (Mestrado em História Social). Salvador: UFBA, 2001.
- PFEFFER, S; LUNNA, M. Breve História da música em Minas Gerais. *Revista Pretexto*, Belo Horizonte, v. 6, n.1, p. 33-44, 2005.
- SCHAFFER, Murray R. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2001.
- SILVA, Rita de Cácia Oenning da. Sons e sentidos: entrevista com Steven Feld. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 58, n. 1, p. 439-468, 2015.
- TACCHI, J. Radio texture: between self and others. In: MILLER, D. (ed.). *Material Cultures: Why Some Things Matter*. London: UCL Press, 1998.
- ZWILLING, Carin. Santa Cecília - um percurso através da arte e da devoção. *Revista Brasileira de Literaturas e Teologias*, v. 5, p. 147-183, 2015.
- WEIL, Simone. *O enraizamento: prelúdio para uma declaração dos deveres para com o ser humano*. Bauru: EDUSC, 2008.